

Heterotopia Munduruku: um corpo utópico em Karo Ebak

Linguistic choices in translating a scientific paper from Portuguese to Brazilian Sign Language

Benjamim da Costa Araújo¹
Universidade Federal do Pará
Belém, Pará, Brasil

Ivânia dos Santos Neves²
Universidade Federal do Pará
Belém, Pará, Brasil

Resumo: Este artigo reflete sobre as movências num dado espaço a partir da perspectiva das Heterotopias – conceito arquitetado por Foucault (1966) – e servindo de fundamento para a análise da narrativa Karo Ebak, da etnia Munduruku, em que suas personagens e cenários são apresentados e transformados através de uma trama humana que desafia a condição do ser/estar diante de um território. Sobre este território, os personagens não apenas fincaram os pés, mas encontraram possibilidades de saberes que se afloraram, suplantando o que havia de uma atuação rudimentar por um sublime cuidar/cultivar deste espaço. Há nesta narrativa uma "espessura" localizada por Foucault, permitindo a existência de uma outra realidade – o que antes havia como um lugar qualquer, agora há o que Foucault denominou como "doce gosto das utopias". A percepção de espaços alternativos, justapostos e/ou "contraespaços" amplia as possibilidades de atuação dos agentes numa relação de saber e de poder. Enraizada nesta trama também emergem os discursos de resistência em que o afeto se implanta no árido terreno do saber e poder para fazer uma colheita de desejos e prazeres. Saberes que transformam a terra em roça, e o afeto transformando-a em jardim – um momento ápice de uma utopia que de fato nasce do próprio corpo, e faz deste desabrochar em outros possíveis, outros espaços que se pode/quer acreditar.

Palavras-chave: Munduruku, Karo Ebak, heterotopias, corpo utópico e afeto.

Abstract: This article reflects on movements within a given space from the perspective of Heterotopias—a concept developed by Foucault (1966)—and serves as the foundation for analyzing the narrative *Karo Ebak* of the Munduruku people. In this narrative, characters and settings are presented and transformed through a human plot that challenges the condition of being/existing within a territory. Regarding this territory, the characters not only set foot on it but discovered possibilities of knowledge that emerged, transcending rudimentary practices into a sublime act of caring for and cultivating this space. Within this narrative lies a "thickness" identified by Foucault, enabling the existence of an alternate reality—what once was an ordinary place now holds what Foucault referred to as the "sweet taste of utopias." The perception of alternative, juxtaposed, and/or "counter-spaces" broadens the agents' possibilities for action in a relationship of knowledge and power. Rooted in this plot, discourses of resistance also emerge, where affection is planted in the arid terrain of knowledge and power, yielding a harvest of desires and pleasures. Knowledge transforms the land into a field, and affection turns it into a garden—a peak moment of utopia that truly arises from the body itself, blossoming into other possibilities and spaces one can believe in and desire.

Keywords: Munduruku, Karo Ebak, heterotopias, utopian body, and affection.

¹ Mestrado em Estudos Linguísticos pelo PPGL-UFPA (2022). E-mail: benjamimca@ufpa.br.

² Doutorado em Linguística, na área de Análise do Discurso pela Unicamp (2009). Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (2004). Licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Pará (1992). Professora do Instituto de Letras e Comunicação -ILC da Universidade Federal do Pará e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras. E-mail: ivanian@uol.com.br.

*Vejo-me atravessado por raios, lacrado pelo sol e pela sombra...
Habitó uma grande espessura...
O abrigo me chama.
Volto então o pescoço sobre os ombros de folhagens...
Na floresta, sou eu integralmente.
Tudo é possível em meu coração
como nos esconderijos das ravinas.
Uma densa distância me separa das morais e das cidades.*

René Ménard, *in* Floresta Íntima

Para além das narrativas de resistência há expressões de afeto e ternura entre os Munduruku vividas na memória destes seres da terra, que estiveram tradicionalmente envolvidos em toda sorte de conflitos e tragédias em torno de seu território. Como compreender que entre as raízes que atravessam este território há uma força de beleza, traduzindo e dizendo da vida em seu aspecto tão interior? Trazida de uma memória da "origem da agricultura", os Munduruku nos oferecem um outro caminho a percorrer, um outro espaço de colheita com sabedoria e coragem na narrativa sobre Karo Ebak³.

Encontramos no "Mapa das Línguas" do Grupo de Estudo Mediações, Discursos e Sociedades Amazônicas (GEDAI–UFPA), essa história apresentada, numa produção audiovisual indígena, tanto em língua Munduruku (por Nilza Caetano Kaba Munduruku) quanto sua versão em português (por Adenilson Paigo Munduruku). Ambos os narradores – sentados às margens de um rio e com uma floresta a envolvê-los – contam-nos do surgimento da agricultura entre os Munduruku, mas mais que isto: o que está no cerne desta história é o como o desejo de uma criança e a atuação de saber e poder de uma mulher conduziram a uma transformação no modo de viver de seu povo. Acima de tudo, Karo Ebak é uma história de amor, de seres que se encontram e se encantam, de desejos inspiradores e de sensibilidades superadoras.

Nesta narrativa há um lugar ideal para refletirmos nosso posicionamento diante de um território, pois em Karo Ebak há um outro espaço, um espaço-tempo que se abre para a experiência do olhar, pensar e sentir de uma existência. Há nesta narrativa uma “espessura” localizada por Foucault (1984 [1966], p. 19) e que permitiu a existência de uma outra realidade, que este autor denominou como “doce gosto das utopias”.

A narrativa nos apresenta Karo Ebak, uma criança que chorava todas as tardes pedindo por comidas que não existiam à sua época. Sensível à situação da criança, a avó, para saciar a fome de seu neto, decide se sacrificar, entregando o próprio corpo para semear a terra, e assim fazer brotar todos os hortifrutis desejados pela criança. Mas antes esta mulher arquiteta um plano e ensina aos homens da aldeia a reconhecer e escolher, no

³ Disponível em: <https://gedaiamazonia.com.br/lingua-munduruku-povo-munduruku/>. Acesso em: 22/07/2022

interior da floresta, uma terra fértil a partir dos manejos para organizar uma roça e do ritual para plantar as espécies frutíferas.

Esta parte da floresta se abre às vontades da criança e às possibilidades de criação com uma performance do corpo da avó neste espaço. Sobre isto, eis um segredo soprado por Foucault (1984 [1966], p. 20) em nossos ouvidos:

Na verdade, esses contraespaços não são apenas invenção das crianças; acredito nisso muito simplesmente porque as crianças jamais inventam coisa alguma; são os homens, ao contrário, que inventaram as crianças, que lhes cochicharam seus maravilhosos segredos; e, em seguida, esses homens, esses adultos se espantam quando as crianças, por sua vez, buzina aos seus ouvidos.

A narrativa Munduruku já se constitui num contraespaço, movendo a linguagem para além de uma gramática, transformando as palavras de uma categoria semântica em uma movência de profunda estilística, resultado do arranjo e da trama destas palavras quando na espessura desta narrativa. Esta narrativa também é uma heterotopia por sua expressão de resistência e de rebeldia a uma dada realidade. Sim, a resistência da avó em se amarrar à terra assim como sua rebeldia em amar a vida diante de si, diante da criança que, por sua vez, lhe buzina esse "maravilhoso segredo" das utopias localizadas. Há como que uma necessidade vital destes lugares que estão nas margens, nas fronteiras, no limiar – fora de todos os outros espaços, agora já engessados em seus significados de vida – para que se possa preencher o vazio de dentro de nossas existências.

Estes "outros espaços" são um convite à experiência de nosso olhar e um acesso à extensão dos sentidos; é um lugar aberto e reservado "aos indivíduos cujo comportamento é desviante relativamente à média ou à norma exigida" (Foucault (1984 [1966], p. 22) em uma sociedade. Na narrativa de Karo Ebak, uma criança soluça nesta margem, respira com sua rebeldia e ressoa arduamente sua vontade diante daquilo que não lhe há acesso. Na versão narrada por Adenilson Paigo Munduruku (2002), os desejos da criança são anunciados já no início:

A história do menino que chorava toda a tarde. Ele se chamava Karo Ebak. Ele chorava toda tarde, e pedia as coisas, né!? Ele pedia farinha, tapioca, buriti, essas coisas, mesmo sabendo que na época dele não tinham essas coisas. Como surgiu tudo? Por causa do menino. Ele chorava todas as tardes. Ele pedia pra avó dele que queria comer isso e aquilo. Aí, aí, todo dia ele chorava pra comer farinha, tal.

Em meio ao choro, mais que as lágrimas, a criança anunciava, de modo muito insistente, um sentimento de transformação a partir do que percebia ausente. Em Karo Ebak já havia uma semente à espera de um momento e das condições para se fazer surgir e ter vez na vida. E as suas lágrimas pareciam ter sido a umidade que o terreno árido da fome precisava sentir e despertar para outra expressão de vida. O pedido da criança era um desafio posto – já que ela sabia "que na época dele não tinham essas coisas" – e exigia

igualmente a ousadia da criação por parte de seus parentes. Como fazer a terra brotar o alimento que não existe?

Ora, mas por Karo Ebak ser uma criança – e as “crianças conhecem perfeitamente, esses contraespaços, essas utopias localizadas” (Foucault (1984 [1966], p. 20) –, então, no interior da floresta não poderia haver um limite para o cultivo e/ou muito menos para a criação dos alimentos; e essa criança sabia deste “maravilhoso segredo”, por isto insistia tanto aos gritos por farinha, tapioca, buriti etc. Na extensão deste pranto havia em Karo Ebak um pedido por essas “coisas”, contestando a sua condição de fome, mas não uma fome qualquer – e não que não houve alimento na aldeia – pois o que ele pôs à mesa em questão são aqueles que não existem, os outros alimentos. Essa criança não se permitia ao silêncio ou a subjugação da fome, antes ocupava um espaço e movia-se com sua voz e suas expressões. Sim, sua fala é heterotópica quando espera que suas lágrimas transbordam para sua saciedade.

Kapiru: arquitetura fantástica

Diante das expressões em Karo Ebak já não havia mais razões para se adiar o que se entardecia entre os prantos e queixas desta criança; não havia mais como evitar o que o sonho deste sopro viesse a romper o espaço, pois ali estava como uma semente plantada e prestes a emergir a diversidade num terreno de uma floresta.

Kapiru, a avó de Karo Ebak, a partir de sua empatia e sua ancestralidade alinhou todos os sentidos com os de seu neto, e percebeu com maravilhoso espanto a força de sua mensagem. O que estava em questão, para a avó, não era apenas como saciar a fome física da criança, mas como criar e corporificar tais “coisas”, às quais a criança já designava antes que existissem. Numa outra versão desta narrativa, Murphy (1958, p. 91) escrevera que “the little boy was very wise and thus was able to ask for them.”⁴. De fato, tal saber poderia justificar a atitude de linguagem do menino, considerando também que no ser de uma criança – que se permite ao lugar de seus sonhos – a criatividade com a linguagem faz parte de seu processo de desenvolvimento. Tanto o choro da criança quanto seu pedido motivaram a avó, e moveram sua percepção para um gesto de carinho e criação. Sim, tudo surgiu “por causa desse menino”!

Sobre este “gesto de carinho e criação” entra em cena a atuação desta avó, com toda a sua ancestralidade, para incorporar o sonho deste menino. As atitudes desta mulher foram no sentido de entender e atender o que havia de mais vivaz e prazeroso no desejo semeado no coração de Karo Ebak. Para este atendimento, a avó entrará numa comunicação mística para ouvir a imaginação, sendo atravessada por poderes secretos e experimentando as forças invisíveis na natureza, e finalmente para estar onde não estamos. A mágica ou maquiagem deste momento, Foucault (1984 [1966], p. 12) diz de sua incorporação:

⁴ “o menino era muito sábio e, portanto, podia pedir por elas.” (tradução própria)

A máscara, a tatuagem, a pintura instalam o corpo em outro espaço, fazem-no entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem deste corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicará com o universo das divindades ou com o universo do outro. Por ele, seremos tomados pelos deuses ou seremos tomados pela pessoa que acabamos de seduzir. De todo modo, a máscara, a tatuagem, a pintura são operações pelas quais o corpo é arrancado de seu espaço próprio e projetado em um espaço outro.

Em outros momentos, este autor já apresentava o corpo como o protagonista de todas as utopias, e, como se percebe, uma vez maquiado este corpo passa a atuar e transformar a si e o espaço que o acolhe. Ele se torna encantado e se abre a um diálogo divinal a partir de uma linguagem secreta e sagrada, empoderando-se e sendo transportado para outro espaço. O corpo agora está onde não está – no lugar da cama, agora há um oceano; no lugar de cobertas, agora há um céu e no lugar do vazio, agora há prazer – e funda outro mundo por cima e por baixo, por dentro e por fora. Eis o corpo utópico ocupando um lugar já ocupado.

Eis a experiência do imaginário em um corpo, que já transfigurado permite-se contrapor a dura realidade com suavidade do devaneio. Uma vez atravessado com a tinta da tatuagem, este corpo parece embeber-se de uma imaginação como um córrego que ocupa um lugar entre as rochas da montanha, suavizando a impermeável paisagem. Entrar em um lugar assim, um lugar impermeável, exige do corpo uma outra percepção, exige os sábios passos da imaginação com a sua fome de sonhos e a sua sede de desejos – elementos essenciais para criação de espaços outros. Agora que se fora tomado por essa percepção, o corpo tudo sabe, tudo pode e saciará com um prazer impossível.

Isto é possível na narrativa de Karo Ebak, como apresentada na versão de Murphy (1958, p. 91 e 92)

She then instructed the men to dig a large hole in the middle of the garden and to put her in it with her arms, legs and digits outspread. This they did and covered the old woman lightly with earth, and with every breath she spread and spread until the whole garden was in fact kapiu.⁵

Esse saber ancestral move os homens para atitudes outras – intervindo num espaço já posto, reordenando um lugar e transformando-o num cenário para outra atuação. Este saber abre um território para uma comunicação mágica com a natureza. Sim, o que temos aqui é um encontro de fêmeas (terra e avó) e o encanto da fertilidade, os corpos "spread and spread" até que tudo nesta experiência inter/ultraulterina fosse unicamente a vida. A vida num gesto de expressão dessa gravidez, que se espalhando e formando a vida contagia e transforma o espaço: terra em roça; roça em jardim – um momento ápice de uma utopia que de fato nasce do próprio corpo, e faz este desabrochar outros possíveis, outros espaços que se pode/quer acreditar.

⁵ Ela então instruiu os homens a cavar um grande buraco no meio do jardim e colocá-la nele com os braços, pernas e dedos abertos. Isso eles fizeram e cobriram a velha levemente com terra, e a cada respiração ela se espalhava e espalhava até que todo o jardim fosse de fato Kapiu. (tradução: Breno Viana)

A força e a sensibilidade criativa desta mulher como expressão de poder e poeticidade para transformar a vida desta aldeia. Ao ser enterrada no meio do jardim, o corpo desta mulher atua como se fosse uma bailarina no subterrâneo, contorcendo seus braços com uma extrema resistência e movendo seus dedos com minúsculas sutilezas. Nessa dança ela se espalha como raiz em sua árdua respiração, e se expande para toda uma atmosfera até que tudo aquilo que florescesse e frutificasse fosse Kápiru. Algo é magicamente capturado naquele espaço: um outro sabor de vida. A ancestralidade de quem sempre soube lidar com a força criadora da natureza, pode fazer desse reencontro com a terra um momento fantástico de expressão da vida. Seu corpo ao conjugar com a terra traduziu/transformou os elementos vitais de um lugar em alimentos de esperança em realidade outras. De fato, era aventura que trazia uma ancestralidade do saber se metamorfoseando em sabor de natureza ao modo Munduruku de mudarem o mundo, e a velha e válida vida fazendo vibrar e valer cada gesto de sua resistência.

Havia um propósito e uma crença antes que ela entrasse (e se enterrasse!) nesta aventura, e que assim fora proferido por esta senhora: "ia ter tudo. Tudo o que o moleque pedia ia ter: cana-de-açúcar, milho, açaí... ia ter tudo que hoje em dia tem"⁶, pois acreditava enquanto natureza, e como tal permitiria tudo nascer e devir, vir a existir nesta terra. Esta fala se incorporava numa atitude seminal – era a própria voz da terra reverberando no íntimo desta avó – para brotar todas as "coisas" que a criança desejava. O que se percebe neste recorte da narrativa de Karo Ebak é uma perspectiva para se conhecer a natureza, e que não se estagnava numa simples contemplação, e muito menos numa atitude expropriativa, mas num convite para um envolvimento em que todos crescem. Em Karo Ebak a terra recebe o corpo – ao tocá-lo faz transitar nele os sentidos de uma nova experiência de saber e poder, faz com que se perceba como corpo utópico – e, num gesto simultâneo e recíproco, a vida recebe o jardim. Ambos transformados a partir deste envolvimento.

Eis uma mudança de perspectiva e atitude, apresentada nesta narrativa, acerca da ocupação das florestas e manejo do solo, por parte dos Munduruku, que na região da bacia do Tapajós se implantaram há milhares de anos. Sobre este mesmo solo, houve diferentes atuações deste povo, que a partir do século XVII passaram a ser vistos como “selvagens guerreiros”, e assim em meio aos inevitáveis conflitos com a civilização colonial, estes indígenas, com seus saberes vivenciados sobre este espaço, buscaram sublimar esta imagem bélica pela beleza de uma jardinagem.

No texto de Friel (1959, p. 02) ficam evidenciadas as práticas de relevância política e sociocultural deste povo, e o quanto sua sobrevivência respira com esta terra.

Em tempo histórico, desde que entraram em contato com os civilizados e se tornaram conhecidos, vêmo-los cultivar roças e fazer farinha. É certo que os Mundurukú ficaram mais famosos como guerreiros... Mas na medida que o domínio colonial se firmou, e diminuíram as atividades guerreiras, parece ter aumentado **a tendência desses índios para uma vida mais estável e para uma agricultura mais extensa e diversa.** (Grifos nossos).

⁶ Disponível em: <https://gedaiamazonia.com.br/lingua-munduruku-povo-munduruku/>. Acesso em: 22/07/2022

Muito além de externar a morte em práticas de guerra, os Munduruku passaram a interiorizar a vida que germina na/com as práticas de agricultura. Não se trata apenas de lutar pelo território, mas de labutar mais na terra e com ela gerar a vida em sua expressividade. E a terra está no centro desta história, pois foi nela que o desejo de Karo Ebak pode se realizar, e ninguém melhor que a avó – em toda a sua ancestralidade – para saber o que se pode com e na terra. Como mulher (mãe e avó), compreendia em sua experiência uterina o significado de uma força criadora da vida, assim como esse sentido estava para a terra-mãe.

As feições de identidade nutriram-se de um aroma a outro quando a bravura dos Munduruku cederam a brandura geminada com a sua reaproximação com a agricultura. Sim, a agricultura – essa ação de cuidar, de cultivar a mente e os saberes das plantas – torna-se "mais extensa e diversas", torna-se em algo mais que não apenas alimento do corpo, dando outro sentido para este povo. Em Karo Ebak, com esse cuidar, há a redescoberta da terra, um reencontro desta com seu elemento orgânico, pois os Munduruku compreendem-se como parte desta natureza.

Floresta: a agricultura, a jardinagem & as heterotopias de afetos

É de suma importância afirmar que um território indígena está histórica e organicamente ligado a seus habitantes de tal maneira que os saberes ali vivenciados reconstituem a memória de seus antepassados, sendo, no caso Munduruku, a agricultura além da guerra, uma forte movência deste povo sobre seu espaço. É uma movência heterotópica, pois a agricultura não é apenas um lugar para se estar, mas de modo vital, um lugar para ser, para se conhecer como um jardineiro – guardião das florestas e suas estações.

Aqui o cenário de um jardim é requisitado para um contexto em que percebemos a agricultura como um espaço outro. Conforme Foucault (1984 [1966], p. 24) apresentamos em detalhes

Porém, o mais antigo exemplo de heterotopia seria talvez o jardim, criação milenar que tinha certamente no Oriente uma significação mágica. O tradicional jardim persa é um retângulo dividido em quatro partes que representam os quatro elementos de que o mundo é composto, no meio do qual, no ponto de junção dos quatro retângulos, encontrava-se um espaço sagrado: uma fonte, um templo.

De antigo pode-se refletir que havia uma relação meramente extrativa dos Munduruku com a floresta, e, quando muito, talvez rudimentar de uso deste solo. As transformações implantadas a partir de Karo Ebak semearam uma outra relação de práticas e significados no interior das florestas. Sobre este espaço natural, os nativos não apenas fincaram os pés, mas encontraram possibilidades de saberes que se afluíram, suplantando o que havia de rudimentar por um sublime cuidar/cultivar deste solo. Este

espaço qualquer agora é um lugar para se viver, morrer e amar como o fez Kapiiru, uma utopia localizada: um jardim.

Essa perspectiva da jardinagem permitiu aos Munduruku - uma vez seduzidos e sensibilizados por este encanto - penetrar na floresta para encontrar saberes e ancestralidades no seu interior, permitiu ouvir as vozes que dali emanam e comunicar-se com os espíritos que nela habitam. A jardinagem proporcionou-lhes estar em outros espaços diante da natureza, estar em outros lugares no mundo, e por que não dizer: estar em outros mundos. Sim, a jardinagem permitiu a Kapiiru que entrasse neste espaço e se espalhasse sob a terra até que encontrasse o sinho de seu neto. Ao ser enterrada, Kapiiru entrou neste espaço como quem entra num espelho e reconhece seu corpo utópico. De alguma forma fantástica, a jardinagem nos diz de um amor que este corpo se vê simultaneamente envolvido, mas fortalecido em si.

A percepção deste espaço como jardim traz, de acordo com Foucault, uma "significação mágica", o que possibilita outras ações sobre um mesmo lugar, expressando outros sentidos a partir de uma atmosfera fantástica. Assim, os Munduruku encontram o encanto com aquela experiência de Kapiiru, encontram o seu sagrado: uma fonte de afetos da natureza. Um cuida do outro refletindo em si mesmo, pois onde há o cultivo de plantas hortifrutis também se colhe outras espécies como ervas e/ou mesmo flores.

No seu estudo sobre a agricultura entre os Munduruku, Friel (1959, p. 15) afirma

Além destas plantas úteis para a subsistência, os Mundurukú têm ainda uma certa quantidade de vegetais que os cablocos chamam de "cheiro" e que usam na ocasião dos banhos, para dar ao corpo e, especialmente, ao cabelo um cheiro mais agradável. Umas poucas ervas também são cultivadas para fins medicinais.

É evidente que o manejo agrícola fez emergir do solo um aroma de beleza entre os Munduruku, sendo que num terreno roçado a resistência das raízes de plantas se estenderam até o ponto de encontrar os sensíveis ramos de um jardim. Se antes esta agricultura matava a fome nas aldeias, porém será a jardinagem que dará vida e outros desejos a este povo. Não há como negar que este "cheiro" – na verdade, um perfume natural das ervas – tenha impulsionado os sentidos indígenas para um terreno da imaginação, onde o prazer é tão permitido quanto os sonhos, este lugar em que tudo é agradável e possível.

Por este cheiro/perfume, as heterotopias são acionadas entre as memórias, os desejos, os deveres, e assim os homens se veem envolvidos de tal modo a experimentarem aquilo que pode haver de prazeroso num paraíso – este jardim misterioso e secreto. E esta jardinagem não seria apenas uma simples oposição a agricultura, mas estaria ali para purificá-la, fazendo desabrochar as cores e odores outros, e de fato, inspirar sentidos diferentes nesta paisagem. Sim, a jardinagem é o próprio amor retornando para a terra pelas mãos destes "seres da terra". O jardim é este espelho revelando o que de mais afetoso somos capazes de ser diante da terra.

A colheita: "ia ter tudo"

O que os Munduruku herdaram a partir das experiências em Karo Ebak não foi apenas os benefícios dos hortifrúti – mandioca, milho, açaí etc. –, mas os saberes que mobilizaram forças na atuação consciente sobre os espaços naturais. É bem verdade que os manejos e as utilizações do solo presentearam às gerações futuras com o katô – uma terra preta e fértil – além dos sentidos de ancestralidades para guiar este povo em suas relações de poder nestes espaços através da ocupação e proteção dos territórios.

Na condução deste processo territorial, os Munduruku nos apresentaram as transformações de perspectivas e de atuação, impulsionadas pelo desejo de uma criança e acolhido pela ancestralidade de uma mulher. Ali, no interior das florestas, perceberam alternativas para se ser/estar no espaço. E sim, foram de rudimentares agricultores a sensíveis jardineiros envolvidos por esta atmosfera mágica da natureza.

Em algum lugar e em algum momento estes "seres da terra" assim se manifestaram e se relacionaram como unidade da natureza, tendo percebido e acolhido suas vozes, seus aromas e suas cores – texturas que os ensinavam a crescer e criar com/no próprio espaço que os envolvia. Nesta relação, os Munduruku moveram-se com os elementos naturais, manejaram o interior das florestas e as transformaram através de uma longa e contínua atuação de enriquecimento dos solos, onde estavam ou por onde transitavam, e assim expandiram os sentidos ali emergidos.

Em Karo Ebak vislumbrou-se um modo de se conviver em harmonia num mesmo lugar, bem como formas de se construir os saberes e, ao mesmo tempo, preservar os diferentes valores. Eis uma lição a ser acolhida: num mesmo ambiente comportam-se a agricultura e a jardinagem. Afinal, é no interior das florestas que se juntam todos os mundos – humanos e não-humanos; minerais, vegetais e animais; materiais e espirituais – e sob a atmosfera mágica das estações.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução de Salma Tannus Muchail, – São Paulo: n-1 edições, 7. ed., 2013.
- FRIKEL, G. P. **Agricultura dos índios Munduruku**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Nova Série Antropologia, 9, 1959.
- Línguas Indígenas no Pará**. Disponível em: <https://gedaiamazonia.com.br/lingua-munduruku-povo-munduruku/> acesso em 22/07/2022
- MURPHY, F. Robert. **Mundurucú Religion**, Berkeley: University Of California Press and Los Angeles, p. 12, 1958. Disponível em: <https://digitalassets.lib.berkeley.edu/anthpubs/ucb/text/ucpo49-002.pdf>